



Regua — Em noite de luar.

(Cliché do dist. phot. em. sr. Antonio Teixeira).

PROPRIETARIO

Joaquim Antonio Pereira Villela.

DIRECTOR

Dr. Francisco de Sousa Gomes Velloso.

ADMINISTRADOR e EDITOR

Clemente de Campos A. Peixoto.

Ilustração Catholica

Revista litteraria semanal de informação graphica

Redacção, administração e typographia
83, R. dos Martyres da Republica, 91
BRAGA

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA
(PAGAMENTO ADEANTADO)

Portugal e colonias—Um anno, 4\$800.
Semestre, 2\$400. Trimestre, 1\$200 FS.

A cobrança feita pelo correio ou pelo entregador,
acresce o importe das despesas.

Extrangeiro — Um anno, 5\$400.

Numero avulso, 100 rs.

Numero 265

Braga, 27 de julho de 1918

Anno VI

Monte-Pio do Clero Secular Portuguez

Successor da Veneravel Irmandade
dos Clerigos Pobres de Lisboa

o clérigo d'ordens sacras, que desejar alistar-se n'este Monte Pio, deve enviar ao Rev. Padre Alfredo Elviro dos Santos, morador na Avenida Fontes Pereira de Melo, 41, Lisboa, os seguintes documentos:

—1.º Certidão de idade, devidamente reconhecida por notario.
—2.º Dois attestados, ou declarações medicas juradas e reconhecidas por notario, em como não sofre de molestia actual, ou habitual (pallavras textuaes).—3.º Attestado, ou declaração jurada, do secretario da Camara Ecclesiastica respectiva, ou do Vigario da Vara, Arcipreste, ou Ouvidor, em como está no legitimo exercicio das suas ordens, exerce o cargo de... e não está incurso em processo algum ecclesiastico ou civil.

Os documentos podem ser em papel commum.

Se o clérigo residir na Archidiocese de Braga, principalmente no concelho de Braga, deve dirigir-se ao Rev. Padre Arnaldo Carlos Lamas de Oliveira, residente na rua de 5 de Outubro, n. 80, em Braga, ou ao Rev. Padre Leonel Aragão Dantas de Sousa, morador em Eramjeira, Monção, se residir no concelho de Monção; ao Rev. Padre Domingos Affonso do Paço, capellão da Misericordia de Vianna do Castello, se residir no concelho de Vianna do Castello; ao Rev. Padre Mauuel da Costa Freitas Reis, se residir no concelho de Famalicão; ou ao Rev. Padre José Antonio de Campos Junior, parochio de S. Vicente de Aljubarrota, se residir no concelho de Alcobaca.

Os referidos Revs. Padres são socios correspondentes do Monte-Pio; prestam todos os esclarecimentos, facilitam as admissões, recebem as quotas, pagam subsídios, etc.

Este concede subsidio na doença, suspensão e falta de collocação; paga visitas medicas aos socios residentes em Lisboa e nas terras em que residirem 20 socios; dá 10 escudos para operações cirurgicas, ou conferencias medicas e 10 escudos para auxilio das despesas com processos ecclesiasticos ou civis; todos podem celebrar na capella do jazigo, sito na rua numero 5, do cemiterio do Alto de S. João; faculta a livraria aos socios, que a desejaram consultar; tem direito a comprar para si e para as suas familias medicamentos mehores e com abatimento de 25 p. c. nas pharmacias mutualistas de Lisboa; todos têm direito a ser sepultados ou depositados no retredo jazigo, etc.

Concede o subsidio de vinte e cinco escudos e mortalha para o funeral dos socios residentes em Lisboa, e o de vinte escudos para o funeral dos socios residentes fora de Lisboa.

Collegio de S. Thomaz d'Aquino

BRAGA

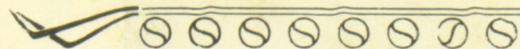
Fundado em 1896

DIRECTOR

Padre Manoel Joaquim Peixoto Braga

Admitte alumnos internos, externos
para o curso dos Lyceus, Commercial e
Instrução Primaria.

Vago



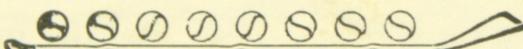
FRIGIDEIRAS E RESTAURANTE

Casa do Cantinho



Largo de S. João do Souto
BRAGA

Estabelecimento mais antigo
e acreditado n'este genero



Vago



ILUSTRAÇÃO CATHOLICA

Revista litteraria semanal de informação graphica

Proprietario, Joaquim A. Pereira Villela. Director, Dr. F. de Souza Gomes Veloso
EDITOR E ADMINISTRADOR
Clemente de Campos A. Peixoto.

Braga, 27 de Julho de 1918

REDACÇÃO, ADMINISTRAÇÃO E TYPOGRAPHIA
63, R. dos Martyres da Republica, 91
Não se restituem os originaes

Numero 265—Anno VI



Santa Martha

Bella esculp'ura religiosa feita pelo distincto artista bracarense sr. João Evangelista Vieira, e agora exposta á veneração dos fieis n'uma capella no Monte da Falperra, cuja festa se realisa a 29 do corrente.



Por José Agostinho.



FALLEI, na ultima chronica, em modorras e sonhos.

Muito não é que falle hoje em sonhos...

E aqui tenho eu os leitores, de attenção empolgada, de nariz cahido, de ólhos fitos n'estas linhas suggestivas.

Sonhos! Quem não os tem, quem os não quer até decifrar, quem os não sopra como o guarda-livros de Affonso Daudet... e quem os não come, se a meza os apresenta, vaporosos, ondulantes, dignos de Vatel e do poeta Berchoux, o Homero da Gastronomia?

Sonhos!

E lá está o ledor assiduo de Fr. Gil da Soledade, o nosso bem-amado egresso, o maior philólogo portuguez, quando elle quizer, a beliscar-me a erudição toda, aninhada n'um dos encephalos mais agitados da rua de Santa Margarida.

Sim, lá está elle.

De caderno aberto.

Aguçando o lapis.

Assoando se e declamando:

—O', filha, o almoço para as 11. Vou aqui estudar um grande assumpto...

E ella, irreverente, materialona:

—Antes presunto, Accurcio dos Sete Estoiros, antes presunto... E olha que o temos hoje de fiambre...

Ora, quanto a sonhos, não fallarei do que diz o illustre Myers muito o ponto na *Personalidade Humana*.

O ledor de Fr. Gil é, como eu, catholico orthodoxo, e ainda mais do que eu, intransigente com philosophias de equivooca nascente.

E, posto de lado o Myers, acuto, incisivo, esmiuçante, não posso nem devo nem quero bater ao ferrolho do Atkinson, suspeito de mago negro espectro certo alli do Calça-Pucarás que, tendo a infelicidade de o ler, ainda o faz mais satânico e dissolvente do que elle é...

Ha leitores que perversificam os proprias más leituras.

Mas, á puridade, restam-me assim mesquinhas ensanchas.

Irei procurar, no seculo XVII, o dialectico Descartes? Não, que, em vez de explanar a theoria do sonho, cultivaria o somno.

Irei ter com o genial Leibnitz, padre-mestre no assumpto?

Cavalheiros e damas, modelares de amor-patrio, me não perdoariam fallar d'um sujeito nascido em Leipsich, ou antes *Leipsig*, no ducado de Saxe, na Allemanha odiosa.

Emfim, deverei resumir a sabida theoria do senhor Voshide?

Fa-lo-hia com prazer e facilidade.

Voshide tem ideias methodicas, um estylo claro e preciso que desesperaria Pascal e Voltaire.

Mas é um analysta implacavel.

Agarra-se ao Sonho como o dr. Cabeça—aquelle que o dr. Sousa Martins chamava o *Doutor Mãos*—se agarra ao paciente, no qual vai operando, devassando-lhe e inventariando-lhe as visceras e até as respectivas populações microbianas.

Resultaria, pois, uma autopsia, e não a desejada synthese.

Passaria facilmente esta chronica á categoria e prestimo d'um theatro anatomico.

Schoking!

O Sonho!... Direi, pois, d'elle o que o grande Santo Agostinho disse da Verdade: *é o que é.*

E, farto de exordio, entro na informação do assumpto.

É que a ultima semana foi um verdadeiro prosencio de sonhos.

O maior d'elles era jacobino e tetrico.

Copiando os contornos da Conspiração da Polvoira ou da Machina Infernal, um enorme bojo monopolisava tudo, e vendia, por torrentes d'oiro, o pão dos desgraçados.

Quer dizer; gisava a chacina e ia praticando a sangria.

Minava e ia devorando.

Mas, abarrotado, vitellico, minotaurico, esse bojo tambem sonhava.

O quê? Matar de fome todo o paiz, e ficar só elle a vogar sobre lágrimas de sangue, n'uma apothese inaudita e brutal.

Entretanto, os alliados jacobinos sonhavam tambem, e variadas *bellezas*:

—Resuscitar Buiça, diante do Parlamento, ao surdir, pomposo e glorioso, o sr. dr. Sidonio Paes;

—Converter o almirante Machado Santos em epileptico fundador de novissima Republica;

—Dar á guarda fiscal a força e prestigio dos pretorianos e janizaros;

—Renovar a questão religiosa, rasgando os crépes dos sacerdotes, uivando contra o Pontifice e contra a Igreja, dando morras ao Vaticano;

—Emfim, proclamar a augusta Maçonaria como o Supremo Conselho do Estado e a fusca e torva Carbonaria como o Supremo Tribunal de Justiça...

Taes eram os sonhos predominantes... E não fallo dos que tinha o povo, dilacerado e faminto... Eram negros como a Fôme e desalentados como um doido, dominado por um collete de forças.

Mas, ao par d'esses sonhos, havia o da pura Justiça. Quem o tinha?

A consciencia nacional, illuminada pela fé religiosa e pelo amor-patrio.

E esse sonho cresceu, resplandeceu e fez-se organismo concreto.

Quiz Deus que se fizesse governo.

Appreghenderam-se e apprehendem-se bombas e armas.

E apprehenderam-se e apprehendem-se generos.

O açambarcador desperta.

Desperta o conspirador.

O povo desperta.

Desespero e assombro no primeiro. Furia e rancor no segundo.

Assim acabam, ás vezes, longos e satânicos sonhos.

Quanto ao terceiro sonhador, aprende uma disciplina magnifica—a da fé, a da união sincera e enternecida, a do uso dos puros direitos dentro do cumprimento dos bons deveres...

Ah! louvado seja Christo, que assim consolida a obra feita pela Mãe Santissima no ultimo 8 de Dezembro e que, depois de tão flagellante e causticante estíagem, nos manda a chuva bem dita, perpendicular e penetradora, alegria e fartura dos prades, calma dos nervos e sustento dos musculos, equilibrio dos cerebros e rythmo dos corações!

Triumpharam os sonhos lindos e generosos!

Que, importa, pois, a psychologia do Sonho?

Bem mais importa a do somno... de tão perigoso que é, ás vezes, dormir, quer se trate de simples individuos, quer se trate de familias, de correligionarios, de povos...

VIDA INTENSA

Por J. de Faria Machado.

Um depoimento.

DEPOIS de sete longos e amargurados annos, que mais vivi no exilio ou na hospedagem pouco acolhedora das cadeias, voltei a Lisboa. Confesso, que ao entrar na estreita *cabine*, do *Sleeping*, onde com quatro amigos iria *jornadear*, experimentei um infantil, alvoroçado jubilo de collegial, uma intima e aneada alegria por ver de novo a cidade eterna das temperaturas mansas, a dôce e carinhosa Lisboa, que eu deixara na pacifica tradicção dos seus marmores e do seu ceu azul, e que, n'aquelle interregno de amarguras, se convertera na cidade das bombas, no dizer acerbo d'um *chronista* vulgar.

É que á velha cidade á *beira mar plantada* se prendia um pouco, se não todo, do meu passado feliz — toda uma vida alegre, que se ergue, amolda, organisa, desde a folgança d'escolar d'humanidades aos lazêres d'um cargo ou aos deveres amargos e pouco compensadores da politica; é que alli se fizera o meu nome, alli balbuciára as provas de plumitivo, no tablado d'aquelles theatros terçara minhas primeiras armas, d'andar batalhador das lettras. E como tudo isso se vae longe, perdido, ennovellado em fumo no horisonte longinquo da minha vida, como á hora discreta e religiosa das trindades sobe dos casaes a perder-se no ceu em renda tenue o habito das lareiras!

O comboio arquejava celere, deixando indifferente a seu lado as sombras frescas das ramarias da Granja d'onde emerge a graça acolhedora d'algunha casa portugueza com seu cirado e alpendre tradicionaes, res-vez d'algun chalet gritando insultos á paisagem nas suas côres berrantes e nos seus rendilhados motivos de gaiolão; cortara Espinho, já mechido, já alegre e resfolegara em Aveiro um descanso curto de caminhante ousado.

A cada estação que ganhavamos o meu alvoroço crescia, a minha ansiedade augmentava e, no intimo do meu espirito, a saudade ia repetindo, reflectindo, como na fita corredia d'um *ciné* o tumultuar d'essa vida longinqua que eu tanto amara e que tão fundas e amaveis

recordações vincara na minha existencia de todos os dias. Entretendo o aneio e avivando a saudade *jornadeava* eu n'essa fresca noite de julho em que Deus mandara ao mundo para satisfação dos milheirões sedentos uma chuva miudinha e leve, que cahia na terra como lagrimas de fartura, que a natureza desprendesse, e d'aquella retemperante brisa que vinha calmar as furias da canicula ardente, parecia-me concluir que a Lisboa que eu tanto amava depois de tantos annos d'ardencia, de convulsas lavas, calcinando, suffocando, tambem agora experimentava o prazer amavel e consolador d'uma liberdade mansa, d'uma paz tranquillã, retemperante. Ao chegar ao Rocio a minha impressão augmentou e confundiu-me porque, embora disfarçada por uma legião desconhecida, aqui e alem modificada nos seus aspectos, era a minha Lisboa que me acolhia, amavel tentadora, como outr'ora posto que tomada d'uma reserva prudente, talvez da civilisação que dá aos homens como as cidades, cinicos aspectos, talvez d'amargura em que vivera ou do receio em que parecia viver, porque francamente, muito embora eu encontrasse as mesmas caras e as mesmas coisas, os mesmos aspectos e as mesmas impressões, parecia-me que tudo, tudo, sendo o mesmo, estava afinal fora do sitio. Como quem volta, depois d'auzencia longa, á casa onde nasceu e encontra os seus moveis, os seus quadros, os seus livros, os seus *bibelots* mas encontra os fóra do sitio, sem a distribuição que lhes deu, arrumados ao arbitrio extranho d'algun creado menos zeloso, Lisboa parecia-me tambem fóra do seu logar.

É correndo-a na ancia de a rever, aqui encontrando um amigo, alem erguendo uma recordação, eu não experimentava a sensação ineffavel, que o meu alvoroço idealisara porque a minha Lisboa, com todos os seus typos, os seus aspectos, os seus encantos, dava-me a apavorante impressão de confundida, desarrumada.

É, francamente, por enquanto se Lisboa é já uma casa onde se pode viver é uma casa desarrumada afinal.



DE FREY GIL DA SOLEDADE,
BORESSO DA FALPERRA.

XLV

O "mette-nariz".



QUANDO eu era moço e estudava línguas, comecei a notar num caderninho as palavras e expressões que ia topando, e a que não conhecia equivalente em portuguez. Chamava-se o caderninho *Invejas da nossa lingua*. Com os tombos da minha vida, perdeu-se esse curioso repositório de observações. Muitas, porém, não se me varreram da memoria, e verei se um dia, com pachorra, componho com ellas alguns serões. Por ora, visto que estou com as mãos no nariz, defenhamo-nos a tirar «aproveytança» d'uma d'essas *Invejas da nossa lingua*.

Ha em italiano uma palavra que tem por parte sua componente o *nariz*, e que eu, por não encontrar em portuguez termo tão expressivo, incluirei nas *Invejas*. E' FICCANASO.

Compõe-se este substantivo do verbo FICCARE — metter, e *naso*, nariz. De sorte que *il ficanaso* é litteralmente o *mette-nariz*.

Abundam na litteratura italiana descripções do *ficanaso*, como na portugueza as de *saudade*, que é palavra que nos invejam todas as outras línguas. A falta d'um termo correspondente a *ficanaso* é tanto mais para sentida, por não faltar, entre nós, o typo que ella define. Por não alongar sobremaneira esta encyclopedia narigal, trasladarei apenas um esboço do *ficanaso* publicado em 1906, na edição italiana do *Calendario Mariano* da casa Friedrich Pustet, de Ratisbona, por Arthur Lancelotti.

Eis na integra o delicioso trecho :

«Existe n'este mundo uma numerosa classe de pessoas que se occupam das vidas alheias com tal desinteresse que devéras fazem duvidar se o auctor da velha sentença *nada por nada*, mais que um agudo psychologo não foi antes um pessimista. São os *mette-narizes*, sempre todos olhos e ouvidos para o que a gente faz, diz e pensa embora os nossos actos, palavras e pensamentos em nada alterem, nem para bem nem para mal, o mais pequenino caso da vida d'elles. Decididamente não tem occupações e preoccupações proprias; mas são optima gente que foje do ocio, e cria umas e outras da maneira mais simples, senão a mais commoda e innocente.

«Sae a gente de casa para os seus negocios, caminha cabisbaixo e pensativo, affligido pelos cuidados que nunca faltam a quem lucha pela vida; mas a Providencia já dispoz ao longo do nosso caminho o *mette-nariz*, a unica pessoa que se attribuirá o merecimento de nos parar, pedir noticias da nossa saude, e acompanhar-nos até ao escriptorio, ao café, a casa, ao fim do mundo, com tanto que tenha meio, entre duas sollicitas perguntas, entre um suspiro de piedade e uma palavra de conforto, de se informar minuciosamente da causa da nossa cara de funeral, do nosso mesurado andar.

— Então, que é ! parece que saes de uma longa doença ! Incommodos Moraes quem os não tem ? Um homem como tu deixar-se desanimar assim !...

«Enganado por este exordio diplomatico, sentimos que é preciso reagir contra a injusta supposição. Não somos de

fracos espiritos, não; mas se elle soubesse quantas desillusões, quantas amarguras, quantas surpresas desagradaveis n'estes ultimos dias. Lançamos assim uma vaga allusão, com intimo desejo de truncar a conversa; mas as nossas meias palavras fizeram de aperitivo, espicoçaram a curiosidade do *mette-nariz* que decidiu a todo o custo satisfaze-la. E eis nos outra vez a braços com elle; mais : ainda agora começa a batalha em que lidará toda a experiencia d'elle com toda a nossa finura. Não é preciso dizer que noventa vezes sobre cem aquella é enorme; e esta, falta. O exercicio pode muito, e elle tem muita mais pratica de atacar do que nós de nos defender. Sabe que armas usar com este e aquelle, como as ha-de brandir e manejar. Se sabe que somos recatados, usa muita reserva : «E' justo, é justo, deixa lá, eu não quero saber nada...» E nós, commovidos por tamanha discripção, levados d'aquelle espirito de contradicção que é da natureza de todos, sentimo-nos impellidos a confiar, a contar-lhe tudo. Se sabe que sois de animo delicado, facil de comover, afadiga-se elle menos : ataca-vos pelo lado do coração. E, com os olhos humidos; «Mas abre-te com um amigo que te quer ! O desabafar faz bem quando se tem o coração abeberado; ter quem se interesse por nós e partilhe nossos dissabores, allivia o soffrimento...» E cahis fatalmente, tanto mais se tiver havido alguma altercação domestica e vos não amparar a ideia de poder correr a desbordar no seio da familia, como costumaes, a cheia dos vossos cuidados. Mas se sabe que sois mais amigo de contar que elle de inquirir, então atira-vos logo á cara com o que quer : «Vamos lá a saber : isso que diabo é ! Conta lá, conta lá !» E acompanhará as palavras com um semblante quasi de commando.

«Em qualquer caso, não ha remedio : o *mette-nariz* leva a melhor. Embora se seja pessoa sem especiaes e evidentes predicados... psychologicos, não ha salvação. O *mette-nariz* saberá aproveitar os vossos sentimentos religiosos, ou politicos, ou sociaes, para alcançar o que pretende. A ti, catholico, recommendará a prece e a resignação christã; a ti, pessimista, lisongear-te-ha dizendo pestes do mundo e dos homens; a ti, republicano, descompondo a monarchia; a ti, emfim, anarchista, dizendo que o Estado não tem razão de ser.

«E quando, d'um modo ou d'outro, manobrando com astucia ou a poder... de pulmões, souber fim fim por fim fim a causa da questão entre ti e a tua mulher, a base das preoccupações, que te apoquentam, sobre o futuro da tua familia, a cifra precisa a que monta a perda do teu ultimo rendimento fundiario, a differença entre o activo e o passivo do vosso já não florescente balanço domestico, quando souber, isto e o mais, sentir-se-ha pago e refeito do trabalho, vibrante de alegria.

«Porquê?... Quem o sabe ? E' um d'aquelles factos acceitos sem discussão. Talvez pelo gosto de o repetir aos quatro ventos. Mas que gosto é esse gosto ? Só o saberás se fores tambem tu... *mette-nariz*»

Concluirá o esboço no proximo serão. Que melhor nome darás em portuguez ao *ficanaso*, discreto leitor !

Nossa Senhora do Carmo

Senhora do Carmo, Senhora da Graça,
Senhora do Amor!
Se este horror
Me trespassa
Com tanto furor,
Eu morro no fel de tão lugubre façã!

Que façã de ferro! Que peso e amargura!
Que toxico olor!
Faz pavor,
Faz tortura,
Enorme estertor,
Senti-la e bebê-la, assim tão impura!

Vosso Escapulario é um escudo, ó Maria,
Contra o Mal traidor!
Com fervor
E alegria,
N'um rapto maior,
Tomei-o, de rojo, sabeis em que dia.

Ah! nas Therezinhas!... Manhã perfumada,
De mystico alvor!
Linda côr,
Tão sagrada,
Me enche de dulçor
E lembra ao meu nada a celeste alvorada.

O padre Azevedo, esse santo, abençoa...
Sinto juxtapor
Sobre a Dor
A corôa
Do Amor redemptor...
Jesus, porque o pedes, sorri-me e perdôa.

E ao lado os velinhos, sublimes de fé,
Grupo encantador,
Sonhador,
Meigo até,
Com que doce ardor!...
Santos asylados do bom S. José!...

Hora de bondade... mas rápida passa
No seu esplendor!...
O negror
Enche a façã...
Senhora! Senhor!
Que inimigo rude a existencia me enlaça!

Lá volta o peccado, a agonia, o alvoroço,
Satanaz traidor!
E o peor,
Vêde, é o fôssô
Do mal seductor,
Argila tão fátua e, afinal, um colosso!

E logo esta angustia... Imbecil, retrocêdo:
Sou qual vajor
Desertor,
Que tem mêdo...
Não sou um condor,
Mas negro reptil que empeçonha o arvorêdo.

De que serve ter a attitude rompente,
O grande fragor,
O calor,
Da torrente,
Se, em vez de voador,
O espirito vale o arrastar da serpente?

Que importa marchar, se na marcha ha egoismo,
Ou qualquer rancor?
Se o menor
Paroxismo
E' aniquillador,
E, em vez do triumpho, acarreta um abysmo?

Côlera, vaidade, volupias, delirios,
Fogo assolador
E inferior!
Os Emypreos
Repellem o açor
Que busca o prazer, e que fôge aos martyrios!

Como é pouco, é nada, o que hoje conquisto!
Que mau lavrador,
Sem vigor!
Pois me visto
De argila e bolor,
Tão longe dos passos divinos de Christo!
.....

Mas, se Vós, Senhora, valerdes tão bella
A tal peccador...
E, se eu fôr
Caravella
No mar rugidor,
O mar será ceu, e este naufrago, estrella!

José Agostinho.

MILAGRE!

Ao fim d'aquella tarde a aldeia estava em alvoroço.

Todos corriam em direcção á ermida da Senhora do Amparo.

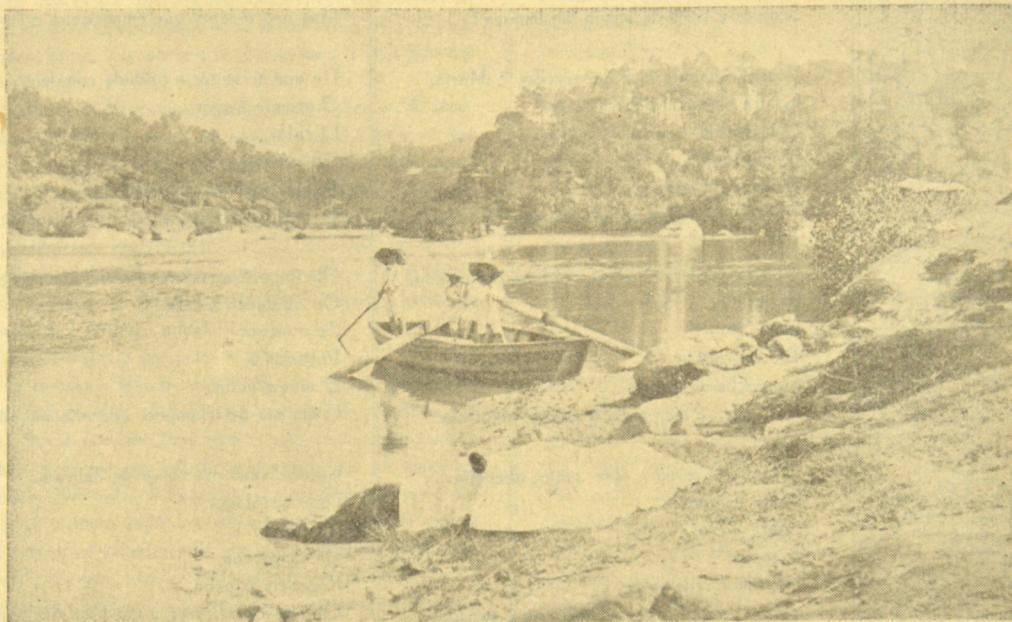
A festa do dia fôra animada, cheia da doce expansão que caracteriza as romarias do nosso bom povo, mas houvera em seguida uma noticia triste

Entre as melhores familias da aldeia gosava de geral estima a do José da Eira, homem

vidade caritativa que era a alegria, a força, e o perfume d'aquella vida aldeã.

*

Quando acabou a romaria, sumidos os ultimos echos dos ultimos foguetes e dos ultimos canticos, correu a noticia de que José da Eira estava, com todos os seus, debulhado em lagrimas na ermida da Senhora do Amparo.



No rio Lima

[Cliché do rev. Joaquim Maciel].

que no seu lar mantinha rigidamente as tradições da familia portugueza.

Viuvo, com duas filhas e um filho, José da Eira conseguia viver com a honradez e abastança dos lendarios camponeses da Suissa. Todo elle era ordem, methodo, bom senso, alegria honesta, amor ao dever e religião commo-vida.

As duas filhas, uma de desoito annos e outra de quatorze, tinham herdado d'elle a doce firmeza do character, e tinham rocebido da mãe, que morrera n'uma desastrosa queda, uma acti-

D'aquella eminencia, que dominava] o horizon-te como uma atalaia, vinham as preces e os prantos d'elles, lembrando rosarios de soluços sobre tantas alegrias.

Lá baixo, na campina verdejante e festiva, cantavam, dansavam, riam.

Enchiam-se de vinho os copos. Ferviam as facecias, requebravam-se os idyllios, tumultuavam e rugiam as paixões. Ah! a fê christã, pura, simples, lavada, não era bem aquella de pagãos quasi convulsos, redemoiando em delirios como que phantasticos.



Lamego — Um grupo de amigos junto da gruta do Santuário de Nossa Senhora dos Remedios. Ao centro o nosso correspondente photographico sr. A. Teixeira.

Talvez por isso mesmo, sem jubilo contagioso, indomavel, frementissimo, dominava toda a aldeia e dir-se-hia que toda a região.

Só no alto da collina, na graciosa ermida da Senhora do Amparo, havia preces, lagrimas, soluços. Por quem ou porquê? Ninguem o sabia. Aquella dôr pungente corria d'alma a alma sem uma causa conhecida, com um tom de estranho mysterio.

*

Os que chegaram primeiro á ermida foram dar com José da Eira, abraçado ás filhas n'um soluçar convulso.

O filho, um mocetão de vinte annos, não estava e ninguem sabia dizer que rumo tivera.

O primeiro aldeão que chegou ao pé de José da Eira disse com doçura enternecida :

— Mas que tem, snr. José? O ermitão foi lá abaixo dizer a scena que se dava aqui... Você chora, as suas filhas choram, dizem que seu filho desapareceu... Que acontecimento é este? FALLE; bem sabe que todos nós somos seus amigos.

O velho, robusto mas succumbido, levanta-

tou a cabeça elevada, circumvolveu o grande olhar e, contendo as lagrimas, foi dando a sua resposta :

— Foi-se embora... Sabe o que é perder um filho... Manoel era a nossa melhor alegria e a nossa melhor esperanza...

E porque nos deixou elle? Por uma loucura, por uma mulher perigosa que viu na cidade, que o enfeitiçou, que o empolgou, que o perdeu... Em vão lhe supplicamos que se salvasse e nos não angustiasse... Ella veio á romaria e bastou uma palavra sua para que o desgraçado partisse, depois d'uma despedida secca e rapida...

— E o snr. José da Eira...

— Eu e minhas filhas corremos aos pés da Mãe de Deus e dos homens a rogar-lhe um grande e incomparavel milagre.

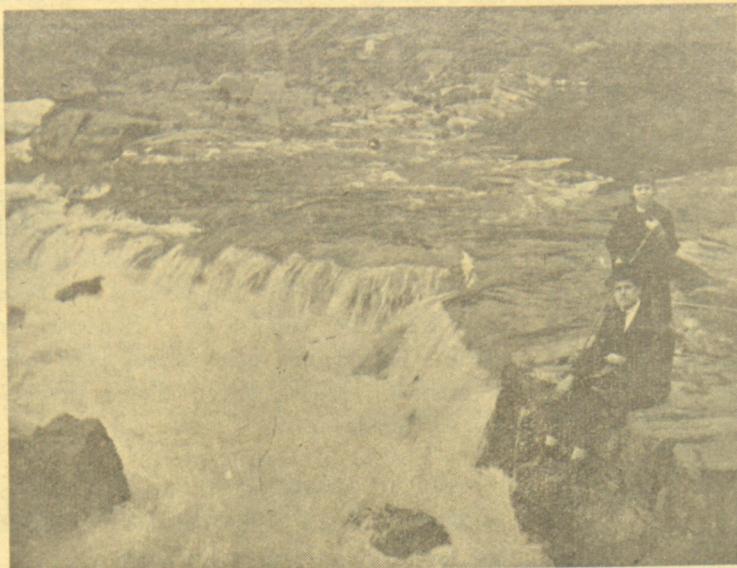
O velho disse isto e cahiu nos braços das filhas, lividas de dôr, murmurando com ellas: Senhora do Amparo! Senhora do Amparo! Entretanto, a ermida enchia-se de povo, fervendo os commentarios e as condolencias.

Houve a seguir um silencio magestoso. Todas aquellas almas, esquecidas da festa estri-



Oliveira de Frades — Grupo de ecclesiasticos e alguns leigos descansando, ao cair da tarde, depois de uma longa excursão pelo campo.

(Cliché do nosso correspondente sr. Alipio da Silva Vicente).



Regua — Uma cachoeira no rio Côrço.

(Cliché de A. Teixeira).



dente, dos seus devaneios, das suas loucuras, dos seus idyllos se abysmaram n'uma oração profunda, constellada de lagrimas.

E de repente, como um assombro, como um trovão subito a abalar aquelle extasis colectivo reboou um clamor intenso :

Milagre ! milagre ! . . .

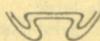
O filho de José da Eira, pallido como um espectro, cavado em lagrimas, convulso de emoção, atravessava as ondas de povo; ajoelhando e cahindo aos pés do pae e das irmãs mormurava, em voz tremula, compungido :

Perdão ! . . .

E quando o pae, alçando a cabeça de neve n'um espanto infinito, correu para elle com a voz embargada pelos soluços, o moço disse ainda :

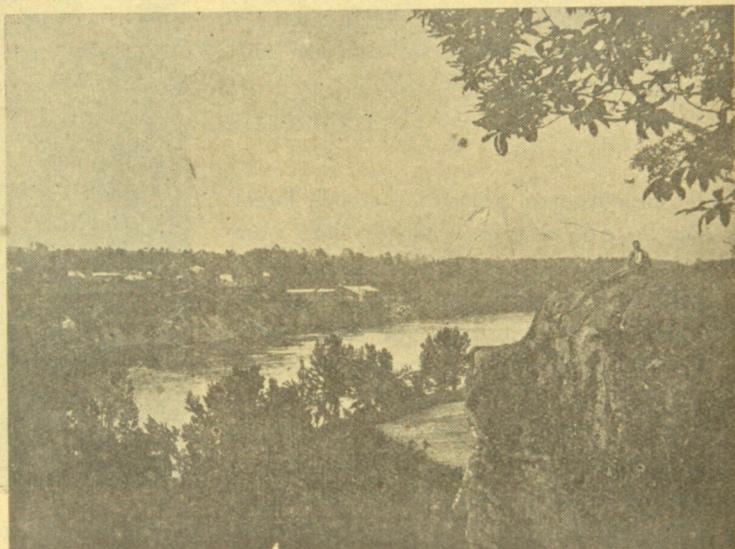
— Milagrel verdadeiro milagre ! . . . Foi a Senhora do Amparo quem me trouxe aqui.

José d'Araujo.



Ao leitor

Depois de lida enviar esta revista á *Junta Patriótica do Norte*, [Paços do Concelho, Porto] a fim de esta a mandar para os nossos soldados no 'front'.



Monsão — Passagem do rio Minho em frente a Salvaterra

(Cliché de Joaquim J. P. Junior)



Francisco Botelho da Silva Mourão,
de Chaves, 2.º sargento de infantaria 19,
prisioneiro dos allemães em Münster 11,
Deutschland.

João José Ferreira, de Cossourado,
Barcellos, 1.º cabo de infantaria 8, pri-
sioneiro dos allemães no combate
de 9 d'abril e agora no Camp de Friede-
richsfeld bei Wesel.



Dorphirio Manuel de Paiva,
sargento ajudante de infantaria 8,
prisioneiro dos allemães
no combate de 9 de abril.



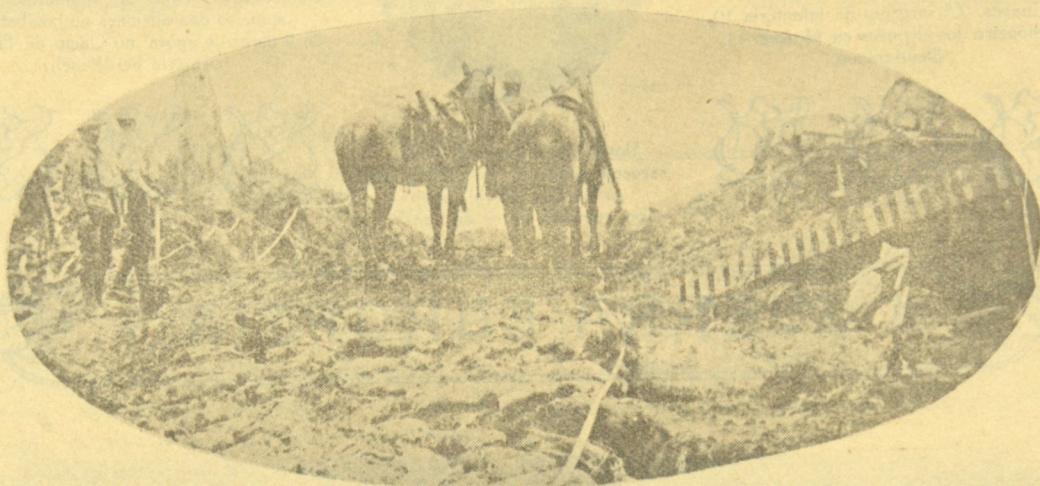
GUERRA EUROPEIA



Sapadores ingleses construindo uma trincheira.



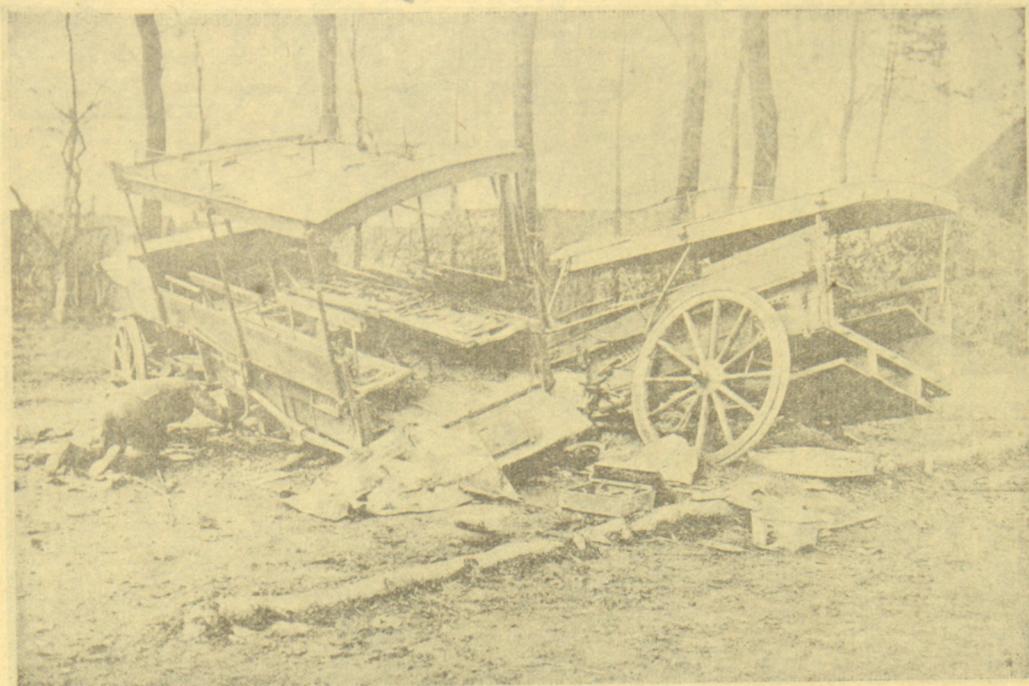
Um piquete de ázuceros de frente, fregada e pouando dos seus trabalhos.



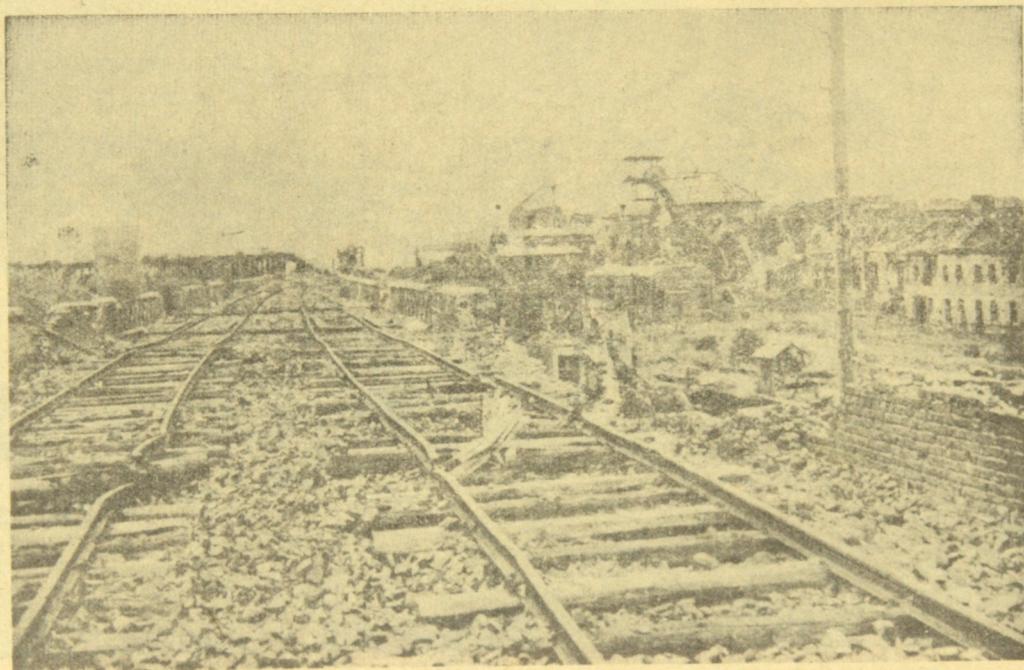
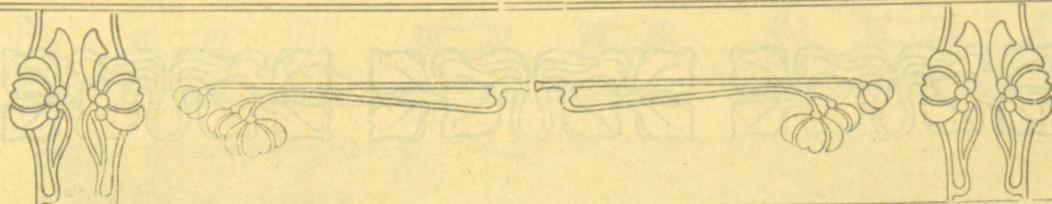
Em observação através d'uma elcra tonada ao inimigo.



Artilharia ingleza passando junto d'uma antiga trincheira.



Carros da ambulancia da Cruz Vermelha ingleza destruidos pelo fogo dos canhões inimigos.



As linhas ferreas e fabricas d'uma povoação franceza destruidas pelos allemães.



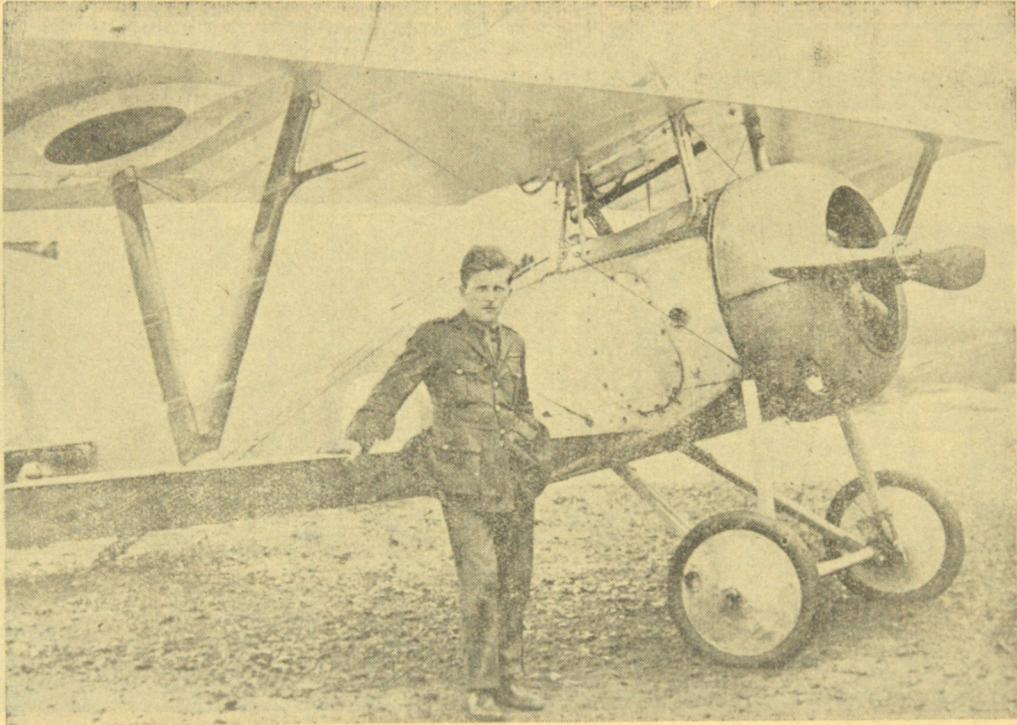
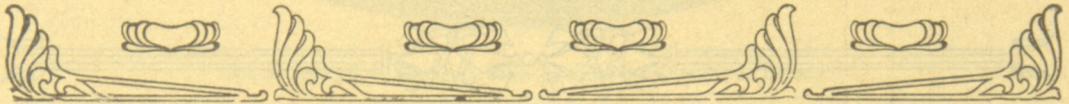
Torpedos para os combatentes das trincheiras da frente francesa.



Prisioneiros austriacos em marcha para o campo de concentração.



Um grupo de prisioneiros allenães.



O celebre aviador canadiano A. Bishop que tem derribado mais de 40 aeroplanos inimigos.

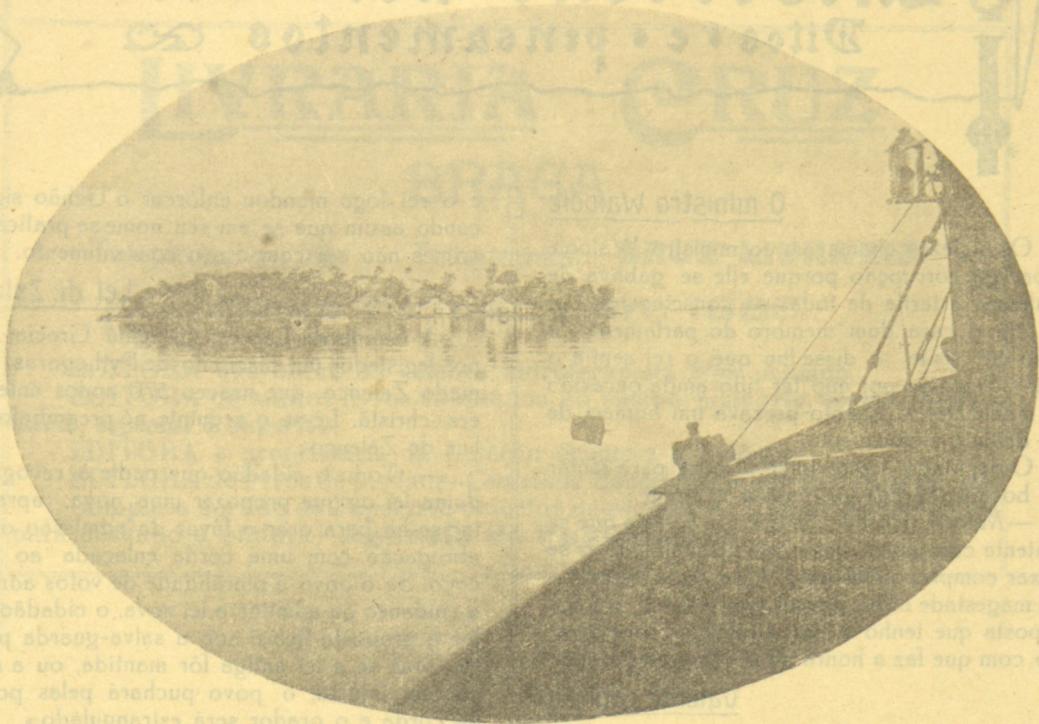


Uma sentinella das tropas alliadas no alto do monte Grappe em serviço de vigilancia.

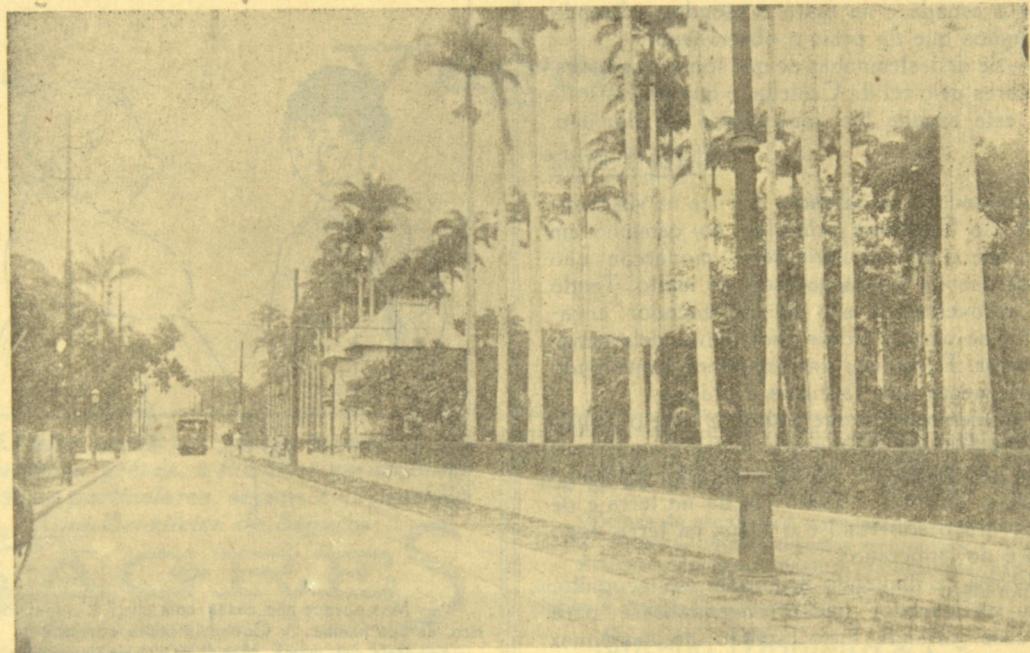


Bateria de canhões de grosso calibre collocada pelos francezes na nova linha de fogo.

A "Illustração Catholica" no Brazil



Rio de Janeiro — Ilhotas da bahia de Guanabara, vistas de bordo.



Rio de Janeiro — Rua do Jardim Botânico.

Anecdotas • historicas

Ditos • e • pensamentos

O ministro Walpole

Os ingleses chamavam ao ministro Walpole o pae da corrupção porque elle se gabava de conhecer a tarifa de todas as consciencias. Foi um dia a casa dum membro do parlamento, a titulo de visita, e disse-lhe que o rei sentia o maior desgosto por não ter tido ainda occasião de manifestar o quanto prezava um homem de tão distinto merecimento.

O deputado, sentando-se á meza para jantar um bocado de figado, disse a Walpole:

—Milord, pensais vós que um homem que se contenta com um tal jantar seja de qualidade de se deixar comprar pelas graças da cõrte? Dizei a sua magestade o que haveis aqui visito. E' a unica resposta que tenho a dar á benigna consideração com que faz a honra de se lembrar de mim.

Valente capitão

Vasco Nunes de Balboa, capitão castelhano, foi tão feliz nas expedições contra os indios que chegou a mandar trezentos marcos de ouro ao rei de Hespanha, pelo quinto que lhe era devido. Tomou posse do golfo de S. Miguel mettendo-se no mar até á cintura, tendo em uma das mãos a espada e na outra o escudo, e dizendo aos indios que da praia o observavam:

—Sê de testemunhas de que tomo posse destes mares pelo rei de Castella, e que protesto de com esta espada lhe conservar o seu dominio.

El-rei D. Diniz

Andando o rei lavrador á eaça na vizinhança do rio Guadiana sahiu-lhe ao caminho um urso, que o estrangularia se o monarcha não fizesse uso da sua larga faca de matto. Tendo bem aproveitado o seu dia de caçador encaminhou se para a aldeia onde havia determinado jantar. Encontrou um camponez lamentando a sorte negra com lagrimas e pragas.

—Quer saber o que tenho? E' que o Uchão do rei entrou-me pela porta dentro e apoderouse-me de gallinhas, presentes, tudo que tinha em casa, dizendo: «Tudo que ha na terra é de Deus, ora o soberano é o Deus na terra, logo tudo é do Soberano.»

O rei, continuando a guardar o incognito, pediu ao lavrador que o encaminhasse para sua casa. Grande foi o espanto do camponez ao reconhecer pelo respeito tributado pelos mais caçadores, quem era o seu companheiro;

e o rei logo mandou enforcar o Uchão significando assim que se em seu nome se praticavam crimes não era com o seu consentimento.

Lei de Zalenco

A cidade de Locres, na velha Grecia, teve por legislador um discipulo de Pythagoras, chamado Zalenco, que nasceu 570 annos antes da era christã. Lê-se o seguinte no preambulo das leis de Zalenco:

—«Todo o cidadão que pedir a revogação duma lei ou que proposer uma nova, apresentar-se-ha para orar a favor da admissão ou da abrogação com uma corda enlaçada ao pescoço. Se o povo á pluralidade de votos adoptar a mudança ou admitir a lei nova, o cidadão que fez a proposta ficará sob a salva-guarda publica. Mas se a lei antiga fôr mantida, ou a nova parecer injusta, o povo puchará pelas pontas da corda e o orador será estrangulado.»

Ai dos legisladores portuguezes e dos pagaios parlamentares se essa lei vigorasse entre nós!



- Mas porque não casas com elle? E' rapaz bonito, rico, de boa familia... Que mais podes desejar?
- Pois sim, mamã. Mas falta o mais importante.
- Não sei o que possa ser!
- Que elle se declare...

LIVRARIA CRUZ

BRAGA

Telephone n.º 29 Telegramas:—**CRUZ LIVRARIA**

Casa fundada em 1888

EDITORA das obras do celebre hidroterapista *Mgr. Kneipp*.

EDITORA de muitos livros adoptados no ensino *primario, normal secundario, especial e superior*.

EDITORA e proprietária da Coleção *Sciencia e Religião*.

EDITORA de livros de piedade—*Centelhas Eucaristicas, livro de Orações, etc.*

Completo sortido de *Papelaria* objectos de escritório—Utensilios e modelos para desenho e pintura—**Agencia de Publicações.**

Vago

Contra riscos de guerra terrestres e marítimos, grêves, e tumultos em mobílias e edificios particulares, segura a Companhia

Luzo-Brazileira de Seguros

SAGRES

Séde — Lisboa, Largo S. Julião
19-2.º — Tel. Exp.º C. 2961. Tel. da Direcção:

C. 2657. Banqueiros: Pinto & Sotto-Maior. — Agente em Braga, Amares, Povoas de Lanhoso, Terras de Bouro e Vieira

Manuel da Conceição Rocha

Largo do Barão de S. Martinho — BRAGA.

Luneta de Ouro

Officinas de esculptura, encadernação e concertos de imagens, batinas e vestes sacerdotaes.

Artigos religiosos, imagens, paramentos, harmoniums, oculos, pincenez, binocolos, cutelaria, optica e artigos de phantasia.

Aurelio Monteiro & C.ª

Rua do Ouvidor, n.º 123

Caixa postal 1588—RIO DE JANEIRO

Telephone 5593, Norte

«Illustração Catholica» vende-se nesta casa
Numero avulso 300 rs. (moeda brazileira)

Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos

DO

Padre Villela & Irmão

(Joaquim Pereira Villela)

Este antigo Escriptorio de Negocios Ecclesiasticos e Civis, encarrega-se de todos os negocios dependentes das repartições ecclesiasticas de Braga, Nunciatura Apostolica e de Roma, taes como processos de ordens menores e sacras e seus respectivos Breves, licenças para casamentos com proclamas ou sem elles, dispensas de parentesco em todos os graus, que a Santa Sé costuma conceder, justificações de baptismo, casamento, obito e de estado livre. Breves de redução de legados, sanatorias, em geral quaesquer Breves Apostolicos, e tambem dos negocios dependentes das repartições civis, judiciaes e militares em relação com os negocios ecclesiasticos, o que tudo é tratado com summa brevidade e maxima economia.

Tem annexas ao mesmo escriptorio uma typographia a vapor, denominada dos Echos do Minho, e officinas de encadernação onde são executados quaesquer trabalhos, com a maxima rapidez, perfeição, e economia.

Toda a correspondencia deve ser dirigida para o respectivo escriptorio ao

P.º Villela & Irmão

83—RUA DOS MARTYRES DA REPUBLICA—91

(Antiga Rua da Rainha)

BRAGA